

COM QUANTOS PAUS SE FAZ UMA CANOA TRADICIONAL RIBEIRINHA?



Foto1: Município de Cachoeira do Arari, na Ilha do Marajó.
Autor: Evaldo Malato, 2007

No dia 23 de Março de 2007, a nossa equipe de remadores da AECÁVBEL, realizou uma canoata de Belém ao vilarejo de Caracará, que fica localizado no município de Cachoeira do Arari, na Ilha do Marajó.

Com objetivo principal tínhamos o compromisso de unir o esporte a uma aventura ecológica e a um gesto de solidariedade social, pois nesta aventura doamos para aquela comunidade cerca de 1.500 livros didáticos onde foi montado na escola local uma mini biblioteca para servir de acervo cultural a aquela comunidade ribeirinha.

Caracará é um grande rio do Marajó, onde existem quatro comunidades ribeirinhas: São José, Santa Clara, Ribolada e Aracajú, sendo que são próximas uma das outras e todas ligadas somente por vias de rios, portanto deu-se logo para perceber que o principal meio de transportes eram as canoas tradicionais.

Canoas de diversos tamanhos, tipos e modelos, era o mesmo que estarmos em uma grande cidade apreciando a movimentação dos diversos tipos de veículos. Todos os moradores da localidade ou grande parte deles possuem sua própria canoa ou “casco”.

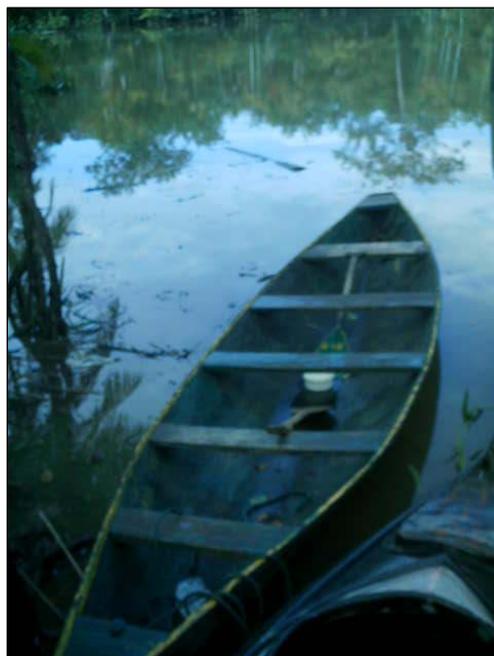


Foto2: canoa ribeirinha.
Autor: Evaldo Malato, 2007.



Foto3: moradores da localidade utilizando canoas.
Autor: Evaldo Malato, 2007

Por tanto, a canoa tradicional entre eles é considerado um meio de transporte de maior valia para o seu deslocamento.

Cada um cuida e zela pela sua, e as técnicas de como remá-las nem mesmo eles sabem dizer como aprenderam, pois desde quando nascem já praticam esta atividade.



Foto4: moradores da localidade utilizando canoas.
Autor: Evaldo Malato, 2007

E foi assim que tive a oportunidade de conhecer o Sr. Messias dos Santos, vulgo Miçanga que apresentou-me a seu Pai o Sr. Nelson Dias dos Santos de 55 anos, o grande construtor de canoas da localidade.



Foto5: Sr. Messias dos Santos, vulgo Miçanga que apresentou-me a seu Pai o Sr. Nelson Dias dos Santos
Autor: Evaldo Malato, 2007

Seu Nelson nos conta que desde doze (12) anos de idade já trabalhava com seu pai nas construções de canoas tradicionais, e depois do falecimento de seu genitor continuou nessa profissão artesanal de onde tira seu sustento principal.



Foto6: Sr. Nelson Dias dos Santos.
Autor: Evaldo Malato, 2007

A sua maior dificuldade no momento, esta na dificuldade de encontrar as árvores ideais para estas fabricações, pois com a exploração desordenada das matas elas estão cada vez mais devastadas, dificultando assim o exercício desta profissão.

“Hoje não é mais o caboclo morador da área que tira moderadamente proveitos da natureza para sua sobrevivência, e sim as grandes empresas que vem com seus mais variados maquinários devastando em alta escala nossas florestas em função de lucros e benefícios próprios e nós só ficamos vendo sem nada podermos fazer” é o que mais reclama ele quando nos concede uma entrevista sobre sua profissão.

Humildemente e com seu velho machado nas costas ele nos leva a percorrer a floresta em busca de uma árvore para a construção de uma canoa, onde pretendemos registrar e catalogar todos os procedimentos técnicos dessa construção artesanal que já encontra-se em adiantado estado de extinção devido a fatos já narrados.



Seu Nelson bastante sentido e magoado nos conta que a maior destruição das matas, ocorre por parte de uma grande empresa que nem sabe citar o nome e que acerca de uma década vem extraindo todos os diversos tipos de madeiras para a confecções de “DORMENTES” a peça assim denominada pelos exploradores e que se aproveitam dos próprios moradores locais que ingenuamente contribuem com a mão de obra mais econômica para os devastadores.

Foto7: Sr. Nelson Dias dos Santos.
Autor: Evaldo Malato, 2007



“É lamentável, além de estarem nos fazendo mal, ainda nos usam como verdadeiros escravos deles” e os prejuízos que causam a nossa região são irreversíveis até a nossa existência” lamenta-se seu Nelson, que apesar de seu pouco estudo tem uma visão de águia e está sentido na pele as mudanças provocadas pelo capitalismo selvagem e a exploração desordenada de seu quintal “sua Floresta”.

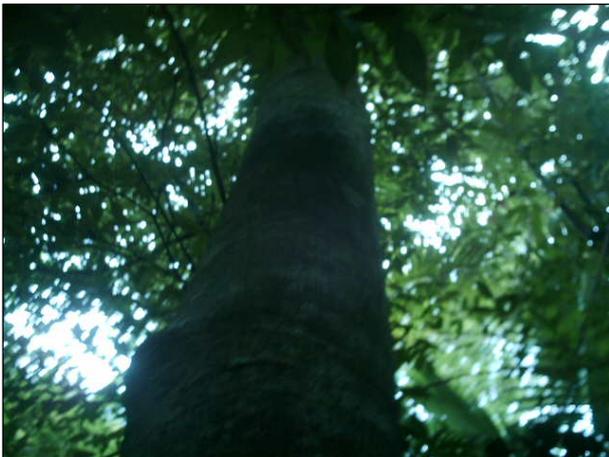
Foto8: Quintal do Sr.Nelson Dias dos Santos.
Autor: Evaldo Malato, 2007

Sr. Nelson concordou em nos mostrar todos os procedimentos de como se constroem uma canoa tradicional da Amazônia contribuindo assim para a historiografia desse artigo no qual pretendemos através da escrita catalogar todas as fases de sua construção.

Fomos apanhá-lo em sua casa de manhã bem cedinho e às 7h e partimos rumo a floresta.



Foto9: Momento da saída da casa do Sr. Nelson.
Autor: Thomáz Malato, 2007



E chegando lá depois de uma hora a procura de uma árvore ideal Sr.Nelson afirma ao grupo. Era uma árvore de Sucupira. linda e frondosa, com mais ou menos uns cinquenta metros de altura.

Foto 10: quintal do Sr.Nelson Dias dos Santos
Autor: Evaldo Malato, 2007

Nossa como era linda e encantadora, madeira ideal para construções de canoas, em seguida seu Nelson prepara o terreno e começa a golpear a árvore com seu afiado machado, e após mais ou menos a terceira machadada, PARA!!!!!!! Grita o grupo, ninguém estava mais agüentando ver aquela cena, que para nós era uma tremenda crueldade, ninguém do nosso grupo gostaria de presenciar aquela árvore linda sendo derrubada, e aí resolvemos mudar imediatamente a nossa estratégia de vermos essa construção, não gostaríamos de compartilhar com essa agressão a natureza uma vez que fazemos parte de uma Associação que trabalha em proteção de nosso meio ambiente.

E seu Nelson então diante da decisão de nosso grupo, em apenas entrevistá-lo, nos convida a ir mais dentro da floresta onde ele já tinha uma árvore cortada para fazer uma canoa e inclusive na fase da Buliação (veremos mais adiante nas fases das construções das canoas).

No caminho por um longo rio, ele rema nos contando que entende as colocações de nosso grupo em preservar a floresta, mais o que ele podia fazer? “se eu não tirar a árvore, na qual garanto o sustento de minha família, vem os catadores de DORMENTES e tiram sem piedade, e sem pedir licença” Parafrazeia ele colocando-nos em situação de nem ao menos sabermos o que responder.



Foto11: remando nas águas do rio.
Autor: Thomaz Malato, 2007



Foto12: árvore em estado de buliação.
Autor: Evaldo Malato, 2007

Sugerimos a ele que procurasse um órgão competente para registrar uma denuncia e ele volta a argumentar que mal tinha condições de ir até a cidade levar sua esposa ao médico onde teria que remar umas 5 horas, quanto mais de registrar esse fato, e mais alarmante ainda que ele afirma que quem poderia fazer algo esta comendo desse crime também, as autoridades (como fala), sabem de tudo que acontece, mais chega na hora do acordo se corrompem”. E mais uma vez achamos bastante sábias suas colocações, apesar de seus poucos conhecimentos sobre os feitos e fatos.

Enfim chegando, ali estava sua árvore tombada ao chão e já em estado de Buliação como ele tinha nos falado, a árvore já se parecia no formato de uma canoa. Era uma árvore de PRACUÚBA segundo ele uma das melhores para esta finalidade.

Ali onde ela estava tombada, ele iria Bulia-la, brocá-la com uma verruma depois vira – lá e alimpar de trincha, ou seja, escavá-la, seguindo seus propios palavreado cabloco.

E depois de tudo isso iria conseguir um Búfalo emprestado de seu vizinho pra trazê-lo ao local e arrastar a tora até a margem do rio que ficava aproximadamente 1 km de onde estávamos. Para poder fazer os próximos procedimentos (queima e acabamento) no quintal de sua casa sua marcenaria, portanto.

E como todos moradores de lugares encantados, seu Nelson durante está trabalhando na demonstração da buliação da tora começa a nos contar alguns mistérios daquele lugar.

Ele nos fala que já era pra esta canoa estar pronta, mais na verdade ele estava com receio de voltar a aquele lugar só, pois em alguns dias atrás ele estava trabalhando nesta canoa sozinho quando começou a ouvir vozes e ruídos vindo em sua direção o que fez abandonar tudo e sair correndo para margem onde estava sua canoa e remar pra sua casa.



Foto13: Seu Nelson trabalhando na construção da canoa.

Autor: Evaldo Malato, 2007



Foto14: Momento de descontração com a família de seu Nelson

Autor: Thomaz Malato, 2007

E ele não para de contar suas historinhas, pra nos deixar mais ainda em pânico, ele conta que mês passado ali mesmo sua mulher havia sido picada por uma Jararaca e não sabe como conseguiu chegar com ela no município de Cachoeira do Arari cerca mais de 5 horas de remo. E é quando nossa equipe em estado de pânico resolve terminar esta matéria em sua casa tomando aquele cafezinho, e no caminho sua Filha Maria afirma ter avistado uma jararaca bem no meio do caminho o que fez com que o um quilometro de distancia se tornasse dez, e enquanto não chegávamos na beira a tensão era total “ADRENALINA em alta”.

Agora sim, vamos à construção de nossa canoa:

Primeiro Passo: DERRUBADA (Escolher a Árvore a ser sacrificada)

Entrar na mata e olhar para aquela variada vegetação e denominá-las por seus tipos e espécies pra nós já é uma tarefa muito difícil, Sr. Nelson conhece todos os tipos e qualidades de arvores ali existente, ele com facilidade distingue todas e sabe denominá-las.



Foto15: árvores da mata.

Autor: Evaldo Malato, 2007

Segundo ele na nossa região existem muitas espécies de árvores que podem servir pra construção de uma boa CANOA, entre elas temos: *SUCUPIRA *MANDIOGUEIRA *BURAJUBA *CUPIUBA *ANGELIM *JUTAIRANA*PRACUUBA*CURTIÇA*CASTANHEIRA*MORCEQUEIRO *ANDIROBA * JURUBA * GUARUBA * JASMIM
Enfim e outras mais que podem ter sido esquecidas.

Segundo Passo : Lavrar desgalhar, alinhar e descascar a madeira).



Foto16: árvores da mata.
Autor: Evaldo Malato, 2007



Após a derrubada da árvore, que dura cerca de uma manha inteira, o construtor irar trabalhar no desgalhamento do tronco e alinhamento da peça escolhida para a fabricação da canoa, o que confeccionado a machado deve durar dois a três dias. É uma fase bem delicada, afirma Sr. Nelson, dizendo-nos que este alinhamento irá definir o modelo da mesma, e ele auto denomina esta fase como a “Lavração da Tora”.

Foto16: árvores da mata.
Autor: Evaldo Malato, 2007

Terceiro Passo: BULIA (esculpir)

Esta é a fase mais delicada de toda a construção, pois o construtor terá que esculpir a tora com golpes de machado já nos moldes do modelo da canoa



Fotos17,18,19 e 20: momento em que a canoa está sendo esculpida.
Autor: Evaldo Malato, 2007

Quarto Passo: Brocação

Com um instrumento denominado por eles de VERRUMA eles irão brocar toda a extensão do casco, com a intenção de quando forem escavá-los não ultrapassar a espessura do mesmo



Fotos21:A verruma.
Autor: Evaldo Malato, 2007

Quinto Passo: Cavação (escavação do tronco)



Nesta fase o tronco é virado, e com um instrumento denominado de trincha e ferro de cova, escava-se o tronco até os limites determinados pelo processo anterior as “Brocadas” que servirão de orientações ao limite a ser aprofundado no casco, não permitindo assim que o escultor ultrapasse e estraque ou deixe fragilizado o tronco.

Fotos22:momento da construção da canoa
Autor: Evaldo Malato, 2007

Sexto Passo : VAREIAR (queima do tronco ate ele ficar mole)

Depois do tronco já esculpido e escavado, vem agora o processo final, onde o tronco é preparado com tesouras para abri-los a seus limites, e em seguida colocado em baixo de um fogo, até o ponto da tora ficar bem mole para em seguida ser moldada dentro de seus limites, onde sua forma côncava vá ser assim definida.



Fotos23:processo final.
Autor: Evaldo Malato, 2007

E por fim Sétimo e ultimo Passo: Acabamento



Fase final onde, serão feitas a colocação dos bancos, a calafetagem dos furos feitos na fase da brocação e por fim a pintura onde cada um irar personalizar a seu modo.

Segundo seu Nelson os preços da canoa pronta estão ligados a capacidade da mesma, ou seja a capacidade para cada pessoa aumenta em 100 reais, melhor explicando:

Canoa pra uma pessoa 100 reais, pra duas 200 pra tres 300 e assim sucessivamente

E assim temos as nossas canoinhas prontas para as mais diversas utilidades, desde para o suprimento de suas necessidades cotidianas como a seu próprio lazer.

Sabendo-se que apesar dela ter sido construída de um Pau só, a milenar ciência para a sua construção (que nos é repassadas de gerações a gerações) constitui-se numa árdua e difícil tarefa, atribuídas somente a artesões natos desenvolvidos dentro de seu próprio meio.



Fotos25: Canoa pronta servindo para transporte.
Autor: Evaldo Malato, 2007



Fotos 26,27,28,29,30 e 31: ribeirinhos utilizando canoas canoas.
Fonte: Evaldo Malato, 2007.

Portanto assim, a utilização das canoas tradicionais estão inseridas diretamente em nossas raízes culturais, uma vez que desde a história da humanidade o homem teve a necessidade de criar meios de se transportar sobre as águas e com isso usar sua criatividade na construção de vários tipos e modelos de canoas.



Foto 32: ribeirinhos utilizando canoas canoas.
Fonte: Evaldo Malato, 2007.

E por isso, agora no momento, a nossa maior inquietação é trabalhar na Esportivização desta prática. Tornando-a uma modalidade esportiva, objetivando assim, a **Valorização da nossa Cultura Ribeirinha e da alta estima de nosso Povo.**

Com quantos paus se faz uma canoa Ribeirinha ?

Segunda Parte – A construção das Canoas de três tabuas

O homem desde o início de sua história sempre teve a necessidade de transporta-se sobre as águas e utilizando-se sempre de sua inovadora criatividade tem até os dias de hoje desenvolvido diversos tipos e modelos de embarcações.

Cada civilização apresenta um modelo criado de acordo com as necessidades locais e a criatividade de seu arquiteto.

Se formos pesquisar mundo afora os diversos tipos existentes, nossa pesquisa não teria mais fim diante dos inúmeros e variados modelos, até então criados pelos homens.

Cada região possui seus protótipos e modelos de mais variadas formas, a exemplo, temos as canoas canadenses, as havaianas, as chinesas enfim cada uma das mais diferentes formas possíveis e imaginárias.

Na Amazônia temos as canoas tradicionais, e que são confeccionadas artesanalmente pelos ribeirinhos que dominam essas habilidades e com objetivos de suprirem as mais diversas necessidades cotidianas.

No capítulo anterior a este vimos a canoa feita de um só tronco de árvores, e cujas técnicas de construção vem sendo repassadas de gerações a gerações milenarmente.



Fotos33: canoa pronta.

Autor: Evaldo Malato, 2007

Neste capítulo iremos historiografar a construção da Canoa de Três Tabuas como todos por aqui o chamam e que também são modelos criados pelos artesões de nossa região.

Essas canoas geralmente são fabricadas em estaleiros (marcenarias), pois, sua confecção depende de maquinárias próprias como serras, plainas, esquadros, plumos, trenas, torno, régua, enfim .

Na verdade devido as grandes precisões de seus delineamentos o fabricante tem de ser um marceneiro nato e saber trabalhar com toda essa instrumentária.

Hoje as marcenarias náuticas em nosso estado estão cada vez mais desaparecendo devido ao alto preço e escassez da madeira apropriada para as construções dessas embarcações.

A fiscalização do desmatamento em nossa região graças a Deus, esta se aperfeiçoando cada vez mais, e a madeira de lei que as madeireiras estão conseguindo extraí-las geralmente são vendidas para o exterior onde a comercialização é mais valiosa, ficando assim nossos artesões a “ver navios” como diz a gíria popular aqui de nossa região.

Aqui no Pará os grandes estaleiros encontram-se geralmente em cidades ribeirinhas distantes da capital o que dificultou um pouco a nossa pesquisa mais felizmente encontrei na vila de Mosqueiro que ainda é distrito de Belém, um grande e centenário estaleiro Naval cuja gerencia e habilidades nas construções das embarcações vem sendo repassada de gerações à gerações pela família Bitencourt, sobrenome este bastante conhecido e estimado em nossa cidade.

E foi exatamente na vila de Mosqueiro no final da rua Siqueira Mendes em frente ao antigo Matadouro do vilarejo, no bairro do Maracajá e que hoje funciona o atual Porto Pelé que é banhada pelo rio tamandaguará que se encontra com rio Murubira vindo a desaguar no rio Pará, onde aporta

as embarcações vindas de várias localidades ribeirinhas da ilha e até mesmo de Belém ou de outras cidades que encontramos o centenário Estaleiro São Pedro.



Foto34: Sr. Pedro da Páscoa Bitencourt.
Autor: Evaldo Malato, 2007

Sr. Pedro da Páscoa Bitencourt, o mestre Pedro como todos da região o conhecem, e que atualmente hoje com 75 anos, relata já trabalhar nesse estaleiro que era de avô a mais de 60 anos, portanto assim dando o testemunho desse estaleiro ser uma oficina centenária que está sendo passada de geração a geração por seus familiares

Mestre Pedro, hoje já na idade de gozar de mais tranquilidade já não trabalha mais como carpinteiro apenas atua como professor e orientador de seu filho Alexandre, o qual entre outros filhos foi o que herdou suas habilidades e hoje tem a responsabilidade e o compromisso de tocar os barcos pra frente como diz um ditado nosso popular.



Foto35: Mestre Pedro.
Autor: Evaldo Malato, 2007



Fotos36: Alexandre, filho de mestre Pedro.
Autor: Evaldo Malato, 2007

“É Alexandre agora é com você” Parafraseia o velho, experiente e reconhecido mestre Pedro a seu filho, agora o responsável pela construção e manutenção da uma herança artesanal de sua família Bitencourt, instalada centenariamente naquela localidade da ilha do Mosqueiro.



Mestre Pedro comenta-nos que existem muitos mistérios entre o céu e a terra e que ninguém sabe explicar, entre eles o DOM (habilidades) que já trazemos de berço, como a exemplo o seu e o de seu filho.

Fotos34: Mestre Pedro contando sua realidade de vida.
Autor: Evaldo Malato, 2007



A Família é muito grande e apenas ele se tornou meu sucessor nato como mesmo eu entre os filhos de meu Pai. Parece que fomos escolhidos por DEUS para mantermos a tradição da família comenta ele.

Fotos34: Mestre Pedro contando sua realidade de vida.
Autor: Evaldo Malato, 2007

Mestre Pedro tranquilo, calmo e bastante habilidoso também como todo pescador ribeirinho destaca-se como uma grande contador de historia e aproveita o momento de descontração na entrevista para nos contar que lembra como se fosse hoje quando garoto iniciava a gerência da velha marcenaria e que tudo em sua volta era uma linda floresta muito rica em sua fauna e flora. Os tamanduás, a cotia, a paca, os macacos enfim trabalhávamos com mais tranquilidade e em perfeita harmonia com a natureza.

Hoje mestre Pedro com 75 anos de vida onde aproximadamente 60 foram trabalhando assiduamente na construção naval repassa todos seus conhecimentos a seu filho Alexandre que assume o comando do estaleiro e segue as riscas o exemplo de seu Pai.



Alexandre Bentes Bitencourt vulgo Mestrinho hoje aos trinta anos tem a responsabilidade de manter a tradição de seus antepassados e como todo profissional nato assume o comando de seu pai procurando sempre corresponder a fama de seu Pai o grande mestre Pedro, construtor da maioria das embarcações daquela localidade somando hoje um número incalculável de barcos construídos nesses longos anos de existência da marcenaria de sua família.

Fotos35: Alexandre Bentes Bitencourt.
Autor: Evaldo Malato, 2007

Alexandre já assumindo o comando passa então a ser o entrevistado e contribui positivamente para a nossa pesquisa nos repassando todas as informações necessárias a conclusão da mesma. Segundo ele o estaleiro constrói desde uma simples canoazinha a um grande barco com capacidade de muitas toneladas. “Aqui quem manda é o Freguês” exclama ele, fazemos barcos de qualquer tamanho, agora temos nossa arquitetura própria onde adequamos ao gosto do cliente, mais não modificamos os nossos modelos tradicionais. Segundo ele cada estaleiro tem em seus modelos suas características marcantes seguindo apenas os moldes tradicionais herdados de seus antecessores. Só de se ver um barco navegando rio afora já se sabe se foi construído em seu estaleiro.



Fotos36: alguns barcos construídos.
Autor: Evaldo Malato, 2007

Sua tabela de preços para Barco de grandes capacidades é de R\$ 2.500 reais por tonelada e as canoas menores tabeladas em R\$ 100 reais por pessoas e esse preço é padrão no mercado e aumenta de acordo com variação do preço da madeira



Fotos37: alguns barcos
construídos.

Humildemente ele nos afirma que o segredo de suas boas construções esta também nas mãos de seus assessores que escolhido a dedo conta hoje com Cristovan Zigomar e Paulo Afonso vulgo pacotinho como seus operários padrões.

Eles destacam-se também por serem muitos habilidosos e já conhecerem os macetes da profissão afirma ele.

Alexandre nos conta que sua dificuldade está na compra da madeira ideal para a construção de canoas de médio e pequeno porte e que devem ser leves e macias diferentemente do tipo de madeiras para embarcações pesadas que devem ser pesadas e resistentes. Ele aponta as seguintes



Fotos37: Alexandre contando sua realidade.

madeiras como ideais pra construção de canoas: Louro vermelho, tamanqueira, andiroba e timborana como as apropriadas da região e já para barco grande, para as costelas o Piquiá e para as laterais tabuas de sapucaba e itauba e segundo ele a madeira comprada por eles hoje esta na faixa de R\$ 2.00 reais por palmo nas tabuas de 20 cm o que encarece seu preço final e acaba afastando as encomendas, muito ele ressalta a seguir que ali nunca ficou sem serviço pelo contrario falta é tempo sempre para concluir suas encomendas. Alexandre ressalta que apesar dos altos preços da madeiras as encomendas não param e seu estaleiro Graças a DEUS, sempre está cheio.



Fotos 39: barco pronto.
Autor: Evaldo Malato, 2007

A canoa de três tabuas se diferencia da canoa de um tronco só pelo seu fino acabamento, enquanto a de tronco é bem rústica ela possui um fino acabamento e um delineamento bem talhado e bem definidos.

Vamos agora a construção da Canoa de três tábuas popularmente falando. Como já falamos anteriormente, neste estaleiro trabalha-se somente por encomendas e os preços variam de acordo com a capacidade das mesmas.

1º PASSO:



Prepara-se a **talha do fundo**, onde as tabuas devidamente bem plainadas e serradas definem o tamanho e a capacidade das mesmas.

Foto40: talha do fundo.
Autor: Evaldo Malato, 2007

2º PASSO:

Embrasejamento ou seja, fabrica-se as costelas que irão apoiar toda a estruturação da mesma. Essa madeira deve ser bem resistente e de pouca flexibilidade ele servirá como uma coluna vertebral dando toda a estruturação do corpo.



Foto 41: talha do fundo.
Autor: Evaldo Malato, 2007

3 ° PASSO:

Enfarcar que significar entalhar as tabuas laterais, fechar os lados.



Foto 42: talha lateral
Autor: Evaldo Malato, 2007

4 ° PASSO:

Calafetar: Com uma estopa de algodão apropriada em forma de um fio grosso embebida em uma tinta Zarcão, fechar todas as fisuras e brechas existentes, ou popularmente dizendo tapar os buracos ou furos.



Foto 43 E e 44 :Calafetagem.
Autor: Evaldo Malato, 2007

5 ° PASSO:

Lixar: a canoa já pronta e acaba passará pelo processo de alizamento da madeira ou preparação para a pintura onde todas as suas partes serão devidamente plainadas e bem lixadas para posteriormente ser pintada.



Foto 45: processo de construção dos barcos.
Autor: Evaldo Malato, 2007

E finalmente o 6º e último passo:

A Pintura: geralmente obedece o gosto do cliente tanto na cor como na personalização da mesma. E ainda tem os que nominam as mesmas colocando sua identificação na proa dos mesmos. Tipo Deus é Amor, Carinhosa, sincera, Búfallo Bill enfim.



Foto 46, 47, 48 e 49: Canoas pintadas
Autor: Evaldo Malato, 2007

E ai estão nossas canoas ribeirinhas da Amazônia construídas e contribuindo assim positivamente para a identidade cultural do nosso povo ribeirinho da Amazônia.



Foto 50 e 51: Canoas prontas
Autor: Evaldo Malato, 2007